

Carlos Alberto **CARVALHO**; Marco Túlio **SOUSA**
Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte, Brasil

A quarta ferida narcísica: a crise da ciência moderna e suas implicações para as pesquisas em comunicação

La herida narcisista cuarto: la crisis de la ciencia moderna y sus implicaciones para la investigación sobre comunicación

The fourth narcissistic wound: the crisis of modern science and the implications for research in communication

Recebido em: 12 set. 2012

Aceito em: 03 dez. 2012

Carlos Alberto Carvalho é professor do Departamento de Comunicação Social da UFMG, na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, onde desenvolve pesquisa sobre jornalismo, AIDS e Homofobia, com financiamento da FAPEMIG e CNPq. Contato: caco5@uol.com.br

Marco Túlio Sousa é mestrando em Comunicação pela UFMG e pesquisador do Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais. Bolsista da CAPES, pesquisa mídia e religião. Contato: marcotuliosousa@hotmail.com

RESUMO

Desde que a crise do modelo positivista de fazer ciência se espalhou pelos diversos campos do conhecimento – dentre eles o da comunicação – diversas têm sido as tentativas de encontrar novos modos de investigação que deem conta da complexidade exigida pelos novos tempos. Crise que na visão de Boaventura Sousa Santos deve ser superada a partir de uma perspectiva da ciência mais preocupada com as temáticas e modos de apreensão do mundo adotados pelas ciências humanas. Partindo da sua crítica como uma linha guia para a nossa reflexão, procuramos apontar como diferentes autores percebem estas tensões e, em um segundo momento, pensar a partir de Louis Quéré as implicações para as pesquisas em comunicação.

Palavras-chave: ciência Moderna; Comunicação; crise; metodologia.

RESUMEN

Desde que la crisis del modelo positivista de “hacer ciencia” se esparció por los diversos campos de conocimiento – entre ellos el de la comunicación – varias han sido las tentativas de encontrar nuevos modos de investigación que den cuenta de la complejidad exigida por los nuevos tiempos. Crisis que en la visión de Boaventura Sousa Santos debe ser superada a partir de una perspectiva de la ciencia más preocupada con las temáticas y modos de aprehensión del mundo adoptados por la ciencia humana. Partiendo de su crítica como una línea guía para nuestra reflexión, buscamos apuntar cómo diferentes autores perciben estas tensiones y, en un segundo momento, pensar a partir de Louis Quéré las implicaciones para las investigaciones en comunicación.

Palabras clave: ciencia moderna; Comunicación; crisis; metodología.

ABSTRACT

Since the crisis of the positivist model has been diffused on the various fields of knowledge – including the communication – there had been attempts to find new ways of research that give the complexity demanded by new times. Such crisis, in Boaventura Sousa Santos' view, must be overcome by a new perspective on science more concerned with the themes and modes of apprehending of the world adopted by the humanities sciences. Adopting his point of view as a guide to our reflection, we have analyzed how different authors perceive these tensions and, at a second moment, using Louis Quéré (1991) as reference, we reflected on its implications for researches in communication.

Keywords: modern science; Communication; crisis; methodology.

Introdução

Em um pequeno texto de 1917 intitulado “Uma dificuldade no caminho da psicanálise”, Sigmund Freud (2006) afirma que a ciência reconfigurou o modo como a humanidade se entendia e concebia o mundo. Tal mudança teria sido possível graças a três duros “golpes” promovidos pelas pesquisas científicas no “narcisismo universal dos homens” (FREUD, 2006: 149), ou seja, em uma concepção que conferia à humanidade um estatuto privilegiado frente às outras espécies e a seu “lugar” no universo.

O primeiro golpe, de caráter cosmológico, seria a descoberta de que a Terra gira em torno do Sol e não o contrário. A centralidade do universo não estaria mais no “mundo dos homens”. Se Copérnico e Galileu são apontados como os autores deste primeiro, o segundo tem um biólogo como figura de destaque. Charles Darwin, ao dizer que os seres humanos possuem uma ascendência em comum com os macacos, sugere, segundo Freud, que eles não são diferentes dos animais, já que guardam algum tipo de parentesco. O terceiro golpe é desferido pela psicanálise. De acordo com o autor,

Essas duas descobertas – a de que a vida dos nossos instintos sexuais não pode ser inteiramente domada, e a de que os processos mentais são, em si, inconscientes, e só atingem o ego e se submetem ao seu controle por meio de percepções incompletas e de pouca confiança (...) representam o terceiro golpe no amor próprio do homem, o que posso chamar de golpe psicológico. (FREUD, 2006: 152-153)

A proposição de Freud nos serve de ponto de partida para ilustrar o modo como a ciência moderna se (a)firmou no Ocidente. Os “golpes narcísicos”, aplicados metaforicamente à ciência, dizem de um enfrentamento do saber científico contra dois outros tipos de saberes: o senso comum e o saber religioso. Isto constitui, na visão de Boaventura Sousa Santos (1989), a primeira ruptura epistemológica.

Contudo, esta ciência crítica aos dogmas religiosos termina por se dogmatizar ao se colocar como lugar privilegiado de acesso à verdade e desautorizar outras formas de conhecimento, como veremos. Na emergência do que diversos autores sugerem como posturas mais afinadas com uma “ciência pós-moderna”, parodiando Freud, o quarto golpe narcísico, este aplicado contra a ciência e seus atores, diz-nos do mais profundo desferido contra e pela ciência, qual seja, aquele que atinge seus próprios métodos. É a partir dele e da crise que lhe segue que refletimos sobre as vicissitudes e desafios

enfrentados pela ciência, de maneira geral, e pelas ciências da comunicação, como campo que nos interessa mais imediatamente.

A Ciência Moderna e o Modelo Epistemológico Representacional

Em “Introdução a uma ciência pós-moderna”, Boaventura Sousa Santos (1989) aponta que o Positivismo, embora tenha sido importante para a constituição da ciência, acabou por se transformar, no decorrer dos tempos, em um limite para o crescimento do pensamento científico. Isto ocorreu à medida que os pressupostos deste paradigma começaram a ser contestados dentro dele mesmo. Antes de avançar, trataremos brevemente de alguns dos principais elementos que caracterizam este paradigma a partir de Santos (1989) e Edgar Morin (2005). A seguir, identificaremos alguns de seus reflexos nos estudos em comunicação tendo por base a proposição de Louis Quéré (1991) no tocante ao Modelo Epistemológico Representacional, que apresenta fortes influências deste tipo de pensamento científico.

Ao fazer a crítica ao Positivismo e suas limitações para as novas exigências do fazer científico, Boaventura Santos (1989) lembra que a constituição de uma noção moderna de ciência se dá com o que ele denomina “primeira ruptura epistemológica”, promovida frente aos saberes tradicionais então hegemônicos: a religião e o senso comum. Segundo Santos, a esta forma de conhecimento a ciência moderna imputava as seguintes características:

- 1) **Alienação:** o senso comum fornece um conhecimento falso, acrítico, que torna os homens submissos a interesses escusos, os quais refletem uma vontade de dominação de uns sobre outros. Recorrendo à metáfora platônica, se a ciência é um receptáculo do esclarecimento, o senso comum é o lugar das trevas da irracionalidade.
- 2) **Conformismo:** conformação de uma dada condição de consciência social coletiva com a consciência individual do indivíduo.
- 3) **Fixismo:** as formas de saber que oferece são fixas e imutáveis, de modo que se perpetuam na sociedade, passando de geração a geração sem nenhum elemento crítico.

Mais do que criticar, a ciência moderna propõe romper com o senso comum, condição vista como necessária a fim de que se chegue a um conhecimento qualificado, de caráter racional. Conforme o autor,

As leis da ciência moderna são um tipo de causa formal que privilegia o como funciona das coisas em detrimento de qual o agente ou qual o fim das coisas. É por esta via que o conhecimento científico rompe com o conhecimento do senso comum. É que, enquanto no senso comum, e portanto no conhecimento prático em que ele se traduz, a causa e a intenção convivem sem problemas, na ciência a determinação da causa formal obtém-se com expulsão da intenção. (SANTOS,1988: 6, grifos do autor)

Desta forma, a ciência se constitui tendo por base três atos epistemológicos fundamentais: a ruptura (com o senso comum e também com a religião), a construção (de um modelo explicativo para o problema em questão) e a constatação (volta ao objeto e teste das hipóteses). Tais procedimentos são comuns às ciências humanas e às naturais. No entanto, Santos (1989) enfatiza que as ciências sociais enfrentam uma dificuldade maior no emprego de tais métodos.

Por um lado porque as ciências sociais têm por objeto real um objeto que fala, que usa a mesma linguagem de base de que se socorre a ciência e que tem uma opinião e julga conhecer o que a ciência se propõe conhecer. (...) Por outro lado, porque o próprio cientista social sucumbe facilmente à sociologia espontânea, confundindo resultados de investigação com opiniões resultantes de sua familiaridade com o universo social. (SANTOS, 1989: 31-32)

As dificuldades enfrentadas pelas ciências sociais fazem com que estas sejam as primeiras a detectar as limitações deste modelo. Ainda assim, parte significativa das pesquisas deste campo segue os princípios sobre os quais se alicerça a ciência moderna. Baseando-se em Merton, Santos (1989) aponta quatro elementos que o constituem:

- 1) Universalismo: caráter impessoal da ciência, a aceitação ou rejeição de uma teoria nada tem a ver com as qualidades pessoais ou sociais do pesquisador, mas sim com a qualidade intrínseca à própria teoria.
- 2) Comunismo: as descobertas científicas são resultado da colaboração social e são propriedade de todos, ainda que ocorram disputas entre os profissionais em relação à primazia pelas mesmas. No entanto, mesmo tais disputas são sadias, uma vez que estimulam uma cooperação competitiva entre os cientistas.
- 3) Desinteresse: independentemente das motivações pessoais dos pesquisadores, as instituições científicas não estão ligadas a interesses particulares. Aqueles que têm mérito são devidamente premiados. Conforme diz Santos (1989: 126): “a ausência quase total de fraude, o que não acontece nas

outras profissões, resulta de a investigação científica de cada um estar sujeito ao escrutínio de todos”.

4) Ceticismo Organizado: “leva o cientista a submeter à discussão e pôr em questão princípios ou ideias seguidos por rotina ou pela força de uma autoridade qualquer; o cientista suspende o seu juízo antes de observar detalhada e rigorosamente” (SANTOS, 1989: 126).

Assim como Santos, Edgar Morin (2005) propõe uma crítica a este paradigma, que ele denomina “simplificador”. Para o autor, o principal problema desta ciência é certo fracionamento da realidade a partir do isolamento de suas partes e sem uma preocupação em reintegrá-las ao todo que as constituem e que por elas é constituído.

Segundo o autor, o paradigma simplificador pode ser resumido em quatro elementos essenciais:

1) Operação pelos princípios de disjunção, redução e abstração: “disjunção”, ou seja, separação de elementos que estão intimamente ligados para submetê-los a uma análise específica das partes (Ex: isolamento dos campos do conhecimento científico em física, biologia e ciências humanas); a “redução” opera por uma simplificação do complexo ao simples (Ex: do biológico ao físico e do humano ao biológico); e, por fim, a “abstração” leva o cientista a descobrir uma “ordem perfeita” que organiza a disposição e ação dos elementos analisados.

2) Corte no real = reflexo do real: crença de que as determinações descobertas na fração do real selecionada correspondem à própria realidade como um todo.

3) Apagamento do sujeito: entendimento de que o sujeito pesquisador e o objeto de suas investigações são realidades distintas. Dessa forma, o conhecimento produzido não teria a ver, como também sugere Santos (1989), com motivações pessoais, de modo que qualquer um que fizesse o mesmo tipo de pesquisa chegaria às mesmas conclusões.

4) Unidimensionalidade e Hiperespecialização: a disjunção divide e isola os campos dos saberes de modo que eles se (hiper-) especializam. Isso provoca uma visão unidimensional da realidade que, critica Morin, não seria capaz de perceber como as distintas dimensões se relacionam (ex: uma crise econômica envolve desde elementos econômicos a questões de ordem psicológica e até mesmo demográfica).

Embora as caracterizações dos autores difiram em alguns pontos, ambos concordam que este tipo de ciência limita o próprio desenvolvimento da pesquisa científica e que muitos de seus pressupostos e ideais não se sustentam na realidade. No caso das pesquisas em comunicação, percebemos aspectos dessa influência no modelo denominado por Louis Quéré (1991) de “modelo epistemológico representacional”.

O Modelo Epistemológico Representacional

Assim como Morin e Santos, Quéré também adota uma postura crítica em relação à ciência moderna. No texto “D'un modèle épistemologique à un modèle praxéologique” (1991) o autor afirma que os estudos em comunicação podem ser divididos em dois modelos: o epistemológico, que entende a comunicação como um processo de transmissão de informações; e o praxiológico, cuja concepção do fenômeno comunicacional está relacionada à construção de um mundo comum pela ação. No primeiro modelo, detectamos fortes influências dos princípios da “ciência moderna”, nos termos discutidos por Boaventura Santos, especialmente porque também neste autor encontramos a ideia de uma postura epistemológica das ciências, voltada para a constituição de métodos, mas com um limite claro, à medida que a própria epistemologia não seria mais capaz de vislumbrar suas próprias deficiências e incapacidades de dar conta dos novos desafios impostos ao fazer científico.

De acordo com Quéré, no modelo epistemológico a comunicação é compreendida como 1) um processo de produção de signos por meio dos quais os sujeitos tornam mútuos os seus pensamentos; 2) consiste em suscitar no destinatário ideias semelhantes às de quem enuncia; e 3) seu “sucesso” se dá quando representações similares às do enunciador são produzidas no destinatário.

Neste modelo a comunicação tem um papel de transmissão, aquisição e tratamento de informação. O ruído não é considerado um elemento de sentido, mas apenas um problema que deve ser eliminado a fim de que as informações sejam transmitidas com sucesso. Isso nos lembra Morin, quando ele fala do princípio da disjunção, pelo qual se “corta o real”, isolando-se alguns elementos (e ignorando-se outros) a fim de chegar naquilo que os constituem (no caso da comunicação, os sentidos). No tocante às premissas do modelo epistemológico, as semelhanças ficam ainda mais claras. Tais premissas são:

- 1) A comunicação é um desafio cognitivo. Este princípio comporta três

outros: a) o mundo é pré-definido e suas propriedades são independentes dos sujeitos, os quais apenas tentam reconstituí-lo; b) há uma separação entre ideias e representações de um lado e o “mundo real” de outro; c) a cognição é nada mais do que uma atividade de leitura e validação de representações adequadas ao mundo real pré-determinado.

2) Entendimento Monológico do sujeito. Sujeito é aquele que produz representações sobre o mundo e se relaciona com o mesmo por meio da observação e objetivação (entendimento a que o modelo praxiológico se opõe, pensando o sujeito como dialógico por natureza).

3) Concepção “factual” da subjetividade. O sujeito é dotado de “estados intencionais” que são representados como fatos. O sujeito é pensado enquanto alguém que age estrategicamente.

4) Dualismo da língua. Língua/linguagem pensada enquanto código que representa a realidade. Dessa maneira, cria-se uma distinção, conforme diz França (2003: 5) na sua leitura de Quéré: “de um lado um mundo pré-definido; de outro, as ideias ou representações desse mundo”, constituindo assim dimensões paralelas.

Esta breve exposição nos sugere algumas correspondências do paradigma simplificador de Morin (2005) e da noção de ciência moderna de Santos (1989) com o modelo epistemológico da comunicação. Podemos dizer que o último é derivado de tal pensamento científico. Conforme vimos, muitos princípios coincidem. Assim como no paradigma simplificador, o sujeito é visto como alguém que pode se dissociar da realidade em que vive pela objetivação (e, quiçá, objetificação) do real.

A noção de “disjunção” e “corte no real” que Morin (2005) aplica ao caracterizar tal paradigma são elementos inerentes ao modelo epistemológico. A maneira como este modelo se organiza e pensa a comunicação opera pela disjunção, criando uma distinção entre um “mundo representado” e um mundo que “aí está”, real, portanto. Além disso, assim como no paradigma simplificador, crê-se que o momento, a fração do real recortada para a análise, constitui a própria realidade, ou seja, que a análise daquele fenômeno comunicacional consegue representá-lo como um todo.

A este tipo de visão se opõe o modelo praxiológico defendido por Quéré (1991). Mas antes de o apresentarmos, é importante levar em conta as percepções dos autores mencionados em relação a esta crise que afeta a ciência e que Santos (1989) acredita se tratar de uma “crise de degenerescência”. Ou seja, algo que afeta a ciência como um

todo e não apenas elementos isolados de algum modelo, indicando também a necessidade de se pensar em proposições que viabilizem um novo paradigma.

Crise da ciência moderna e a ciência (de uma condição) pós-moderna

Santos (1989) e Morin (2005) apresentam severas críticas ao tipo de ciência que procuramos descrever anteriormente, que estaria em crise, necessitando ser modificado. Quéré (1991), em uma linha de raciocínio bem próxima à dos dois autores, defende um modelo praxiológico da comunicação, em oposição ao epistemológico. Veremos agora como Santos (1989), Morin (2005) e outros autores, como Lyotard (2011) e Foucault (2001; 2012), detectam elementos indicativos de tal crise e de que maneira delineiam outros caminhos possíveis de se “fazer ciência”.

De acordo com Santos, tal crise foi percebida primeiro no campo das ciências sociais devido às suas dificuldades em adequar os procedimentos das ciências naturais às suas pesquisas.

As ciências sociais não dispõem de teorias explicativas que lhes permitam abstrair do real para depois buscar nele, de modo metodologicamente controlado, a prova adequada; não podem estabelecer leis universais porque os fenômenos sociais são historicamente condicionados e culturalmente determinados; não podem produzir previsões fiáveis porque os seres humanos modificam o seu comportamento em função do conhecimento que sobre ele se adquire; os fenômenos sociais são de natureza subjetiva e como tal não se deixam captar pela objetividade do comportamento; não são objetivas porque o cientista social não pode libertar-se, no ato de observação, dos valores que informam a sua prática em geral e, portanto, também a sua prática de cientista. (SANTOS, 1988: 53)

Esta crise chega a outros campos e abala as estruturas que sustentam este paradigma. As leis da natureza “decifradas” pelos cientistas são leis apenas aproximativas, só valem em sua totalidade e perfeição a partir de um isolamento de inúmeros fatores. Crítica também feita por Morin quando este fala do “corte no real”. Outro fator de extrema importância é que se passa a questionar a não interferência do sujeito pesquisador no objeto. Segundo Santos (1988: 55), “Heisenberg e Bohr demonstram que não é possível observar ou medir um objeto sem interferir nele, sem o alterar, e a tal ponto que o objeto que sai de um processo de medição não é o mesmo que lá entrou”.

Como vemos, os questionamentos vão muito além de um debate sobre os procedimentos práticos de pesquisa, mas incidem sobre o próprio estatuto da ciência enquanto lugar de saber. Em “A Condição Pós-Moderna”, Lyotard (2011) estuda a situação dos saberes no contexto contemporâneo e constata que há uma crise no modelo de ciência que até então guiou a humanidade. O principal indício da crise apontado pelo autor consiste na descrença nos metarrelatos. Por não serem meramente instrumentais e se basearem em valores abstratos como justiça e racionalidade universal, eles conferiam certa legitimidade à ciência.

O progresso científico era visto como progresso humano e social, perspectiva que para ele entra em crise no período pós-guerra. A fim de detectar seus sintomas, Lyotard parte da consideração de que a ciência se faz, antes de tudo, na (e pela) linguagem. Contudo, estes “jogos de linguagem” são regulados por instâncias que independem do pesquisador.

A instituição e o grupo de investigadores nos quais ele se insere acabam por interferir naquilo que se enuncia e no modo como é enunciado. Isto coloca em questão a ideia de que uma verdade científica se sustenta nela mesma e de que as instâncias institucionais e o próprio pesquisador são neutros na atividade de pesquisa.

Uma instituição difere sempre de uma discussão no que ela requer de pressões suplementares para que os enunciados sejam declarados admissíveis em seu seio. Estas pressões operam como filtros sobre os poderes de discursos, eles interrompem conexões possíveis sobre as redes de comunicação: há coisas que não devem ser ditas. E eles privilegiam certos tipos de enunciados, por vezes um único, cuja predominância caracteriza o discurso da instituição: há coisas que devem ser ditas e maneiras de dizê-las. (LYOTARD, 2011: 31, grifos do autor)

Em “A ordem do discurso”, Foucault (2001) apresenta um exemplo que ilustra bem a questão. Ao tratar das descobertas de Mendel, questiona porque os biólogos do século XIX não reconheceram a veracidade das contribuições do pesquisador. Enquanto isso, Schleiden, que negava a sexualidade vegetal, era aceito na academia, apesar de suas conclusões terem se provado errôneas. A explicação é que Mendel traz “um novo objeto que pede novos instrumentos conceituais e novos fundamentos teóricos. Mendel dizia a verdade, mas não estava 'no verdadeiro' do discurso biológico de sua época” (FOUCAULT, 2001: 35).

Dessa maneira, Foucault e Lyotard se aproximam em uma visada que considera a linguagem e as políticas discursivas como fundamentais e inerentes ao fazer científico. Segundo Foucault, “é sempre possível dizer o verdadeiro no espaço de uma exterioridade selvagem; mas não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo às regras de uma 'política' discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos” (FOUCAULT, 2001: 35).

O que cai por terra é a ideia de que uma verdade científica se sustenta nela mesma e é neutra por natureza. A inscrição de um saber em um determinado espaço institucional regula o que pode ser dito e como isso pode ser dito. Daí a proposta de Foucault (2012) em se fazer uma “arqueologia do saber”, ou seja, um tipo de investigação que se preocupe não tanto com a veracidade de um enunciado, mas sim com as condições que fizeram com que ele fosse dito daquela forma. Nesse tipo de investigação, não importa tanto o momento originário, mas sim as regularidades discursivas existentes, bem como as discontinuidades constitutivas de qualquer tipo de discurso.

O campo das pesquisas em comunicação, por excelência, está diretamente implicado nessas novas formas de compreensão da ciência, sendo-lhe particularmente importantes todas as relações com a linguagem. Se uma primeira importância está no fato de que não há comunicação sem mediação linguageira – seja ela em copresença ou mediada por dispositivos midiáticos – a linguagem alcança feições mais complexas quando as pensamos em suas dimensões sociotécnicas, aqui compreendidas como modalidades de linguagens visuais, verboaudiovisuais, suas derivações para a internet e tantas outras.

Mas não se pode deixar de considerar, como Louis Quéré (1991) propõe, que a própria linguagem é permanentemente “refundada” a cada novo gesto comunicacional, entendendo-se por isso particularmente o fato de que, diante da necessidade de estabelecermos diálogo não estamos frente tão somente da necessidade de recuperação dos “estoques” de palavras, dos modos de articulação de frases segundo as regras próprias de uma língua, mas sobretudo diante da urgência de, naquela situação de comunicação específica, sempre única, darmos conta do estabelecimento do entendimento mútuo pela linguagem. Ou pelo estabelecimento do seu contrário: a impossibilidade de se fazer entender, de lograr êxito no estabelecimento de um diálogo mutuamente esclarecedor.

É nessa dimensão praxiológica que Quéré, inclusive, vai propor que sejam adotadas novas perspectivas para as diversas investigações comunicacionais, midiáticas ou não, como adiante abordamos. Mas se como indica Michel Foucault, há “modos corretos” de comunicar, pela linguagem, a cientificidade de determinada proposição, antes de aprofundarmos nas consequências de uma nova ciência para o campo comunicacional é preciso passar por outros modos que têm marcado concepções científicas contemporâneas, ou pós-modernas, segundo autores nos quais nos referenciamos.

Antes, é fundamental esclarecer que para Boaventura Santos e Jean-François Lyotard as discussões sobre dimensões de pós-modernidade da ciência não têm relação com certas polêmicas travadas em torno do que seria o pós-moderno. Eles se inscrevem mais apropriadamente na sensata proposição de Anthony Giddens (1991) de que não teríamos ainda superado certos estágios da modernidade, o que não nos permitiria afirmar uma era do pós-moderno. Na dimensão utópica das reflexões de Santos, uma ciência pós-moderna é algo ainda a alcançar, estágio no qual os paradigmas científicos seriam definidos pelas bases conceituais e metodológicas das ciências sociais.

Propostas de modelos alternativos à ciência moderna

Conforme vimos, a ciência moderna se constitui por meio da ruptura com o senso comum e a religião, o que Santos (1989) denomina “primeira ruptura epistemológica”. O avanço desta ciência, que ao criticar os dogmatismos acabou por se dogmatizar, leva à sua própria crise. Santos (1989) acredita que possamos falar em uma “segunda ruptura epistemológica”, que se dá não apenas no universo da prática da ciência, mas também na maneira como essa ciência é pensada. Por isso, diz o autor que “o ato epistemológico mais importante é a ruptura com a ruptura epistemológica” (SANTOS, 1989: 36, grifos do autor), ou seja, um rompimento com a própria epistemologia que embasou e serviu de fundamentação a esta ciência.

A proposta de Santos consiste em submeter a epistemologia a uma reflexão hermenêutica, que avaliaria esta não em seu aspecto semântico, mas sim tendo em vista uma pragmática social. Conforme afirma o autor, “isto significa que (...) deixou de ter sentido criar um conhecimento novo autônomo em confronto com o senso comum (primeira ruptura) se esse conhecimento não se destinar a transformar o senso e a transformar-se nele (segunda ruptura)” (SANTOS, 1989: 147).

Nesse sentido, “a reflexão hermenêutica apresenta-se como pedagogia de uma epistemologia pragmática” (SANTOS, 1989: 148). Ao se criar uma ponte entre o abismo que separava de um lado a ciência e do outro o senso comum, ambos sairiam transformados. Visão esta que é diferente da propagada pelo paradigma positivista. Este movimento de revalorização do senso comum se dá concomitantemente ao processo de estagnação da ciência moderna. De acordo com Santos (1989), o entendimento de senso comum que apontamos no início deste trabalho se vê confrontado em suas premissas fundamentais.

- 1) Alienação x elementos críticos do senso comum: pesquisas contemporâneas indicam a existência de discursos de resistência na sociedade, o que contraria a visão de que o senso comum não dispõe de elementos críticos.
- 2) Conformismo x ciência conformista: ao argumento de que o senso comum é conformista, o autor sugere que a própria ciência conforma os indivíduos com a realidade existente. Exemplos disso seriam a psicologia e a psicanálise.
- 3) Fixismo x mudanças contextuais: cada sociedade “produz” um senso comum distinto. Isso fica claro quando se comparam sociedades com um bom sistema de ensino e outras com altos índices de analfabetismo. O senso comum das primeiras tende a ser mais crítico que o das segundas.

Por fim, é preciso notar que considerar o senso comum da forma negativa como a ciência o fez abala a ela mesma, visto que muitas de suas descobertas acabam por se integrar ao senso comum com o decorrer do tempo. Esta revalorização do senso comum e a proposta de que com a “dupla ruptura” possamos ter uma ciência e um senso comum transformados consiste em uma das quatro características que Santos (1988) aponta ao tentar delinear os aspectos de uma “ciência pós-moderna”.

A ciência pós-moderna sabe que nenhuma forma de conhecimento é, em si mesma, racional; só a configuração de todas elas é racional. Tenta, pois, dialogar com outras formas de conhecimento deixando-se penetrar por elas. A mais importante de todas é o conhecimento do senso comum, o conhecimento vulgar e prático com que no cotidiano orientamos as nossas ações e damos sentido à nossa vida. (...) A ciência pós-moderna procura reabilitar o senso comum por reconhecer nesta forma de conhecimento algumas virtualidades para enriquecer a nossa relação com o mundo. (SANTOS, 1988: 70)

A segunda característica do paradigma emergente é que “todo conhecimento científico-natural passa a ser científico social” (SANTOS, 1988: 60). Isso significa que a distinção e a separação existente entre eles deixam de fazer sentido. O autor indica que deve ocorrer uma síntese que teria como polo catalisador as ciências sociais. Não obstante, “esta síntese não visa uma ciência unificada nem sequer uma teoria geral, mas tão-só um conjunto de galerias temáticas onde convergem linhas de água que até agora concebemos como objetos teóricos estanques” (SANTOS, 1988: 60).

Outra separação que tende a ser superada é a distinção dicotômica de sujeito e objeto. Se antes acreditava-se na total separação do sujeito em relação ao seu objeto, a ciência emergente tende a salientar que o distanciamento total é impossível, uma vez que o sujeito afeta o objeto estudado. O objeto não é algo dado, mas “construído” pelo sujeito pesquisador, conforme nos diz Lopes (2010). E tal “construção do objeto” se dá por uma seleção de instrumentos teórico-metodológicos, que vão desde as teorias mobilizadas, ao recorte e coleta de dados. Tal processo nos revela que existe grande afinidade do objeto com o sujeito pesquisador. Dessa maneira, “todo conhecimento é também autoconhecimento”. Esta máxima resume a terceira característica da ciência pós-moderna descrita por Santos (1988).

A quarta característica apontada pelo autor corresponde também a um dos princípios do “paradigma da complexidade” de Morin (2005). Ambos os autores criticam a especialização excessiva da ciência moderna, que considerava que quanto mais restrito o objeto de estudo, mais rigoroso seria o conhecimento produzido. Santos e Morin condenam tal postura, uma vez que ela levaria a uma “mutilação do real” (MORIN, 2005). No paradigma emergente, mesmo o conhecimento sendo específico “é também total porque reconstitui os projetos cognitivos locais, salientando-lhes a sua exemplaridade, e por essa via, transforma-os em pensamento total ilustrado” (SANTOS, 1988: 66).

Em Morin (2005), a ideia é se partir de questões locais, mas sem perder de vista os elementos que afetam o objeto como um todo. Não é um estudo da parte, mas sim da parte que só é parte porque está inserida em um todo. É afetada pelo todo e também o afeta, uma vez que o constitui. O conhecimento é simplificador por natureza, mas não deve abrir mão da complexidade inerente ao real. Esta é uma das premissas do paradigma da complexidade.

O paradigma da complexidade de Edgar Morin

Na parte inicial deste artigo sintetizamos os principais pontos do “paradigma simplificador” que, para Morin (2005), serve de bússola para a ciência a partir do século XVII e atualmente se encontra em uma crise que corrói seus princípios fundamentais. Paralelamente a esta crise, novos modelos surgem com o objetivo de superar as limitações deste paradigma.

Para Morin, a alternativa é o “paradigma da complexidade”. Para fins de sistematização, apresentaremos item a item como o paradigma emergente se posiciona frente aos princípios de seu antecessor e, em seguida, delinearemos os três princípios que o constituem.

1) Operação pelos princípios de “disjunção, redução e abstração” e “corte no real” x conjunção: em vez de isolar um elemento para dele extrair uma lei válida que “organiza” o real, o “paradigma da complexidade” parte do pressuposto de que não é possível separar os objetos uns dos outros, uma vez que eles estabelecem relações entre si. Neste paradigma, por mais que uma questão seja específica, a atitude do pesquisador deverá ser sempre de problematizar o objeto nas relações que ele estabelece com os elementos que lhe afetam. Assim, a ideia não é de separação e redução, mas de conjunção, de ir agregando elementos à análise que contribuam para uma expansão da mesma. Outro ponto importante a se destacar é que no paradigma da complexidade não se tem a pretensão de buscar leis que ordenam o real, visto que este é composto também pela desordem e acaso (Ex: teoria do Big Bang).

2) Apagamento do sujeito x indissociabilidade de sujeito e objeto: não é possível dissociar sujeito e objeto. Um interfere no outro, constituindo-se mutuamente. Assim como Santos (1989), Morin acredita que o objeto é uma construção do sujeito, uma vez que “só existe objeto em relação a um sujeito (que observa, isola, define, pensa) e só há sujeito em relação a um meio ambiente objetivo (que lhe permite reconhecer-se, definir-se, pensar-se, etc., mas também existir)” (MORIN, 2005: 41).

3) Unidimensionalidade e Hiperespecialização x Multidimensionalidade: “A consciência da multidimensionalidade nos conduz à ideia de que toda visão unidimensional, toda visão especializada, parcelada é pobre. É preciso que ela seja ligada a outras dimensões” (MORIN, 2005: 69).

Tendo os pontos acima delineados, o autor define três princípios (ou macroconceitos) que constituem a complexidade. O primeiro deles é o “dialógico”. Uma perspectiva dialógica tende a assumir que dois termos que costumam se excluir na verdade se integram em um mesmo fenômeno. Dessa maneira, pensa-se em uma tensão dialógica de ordem, desordem e organização, válida tanto para o mundo físico, quanto para o natural e o mundo humano.

O segundo princípio é o da “recursão organizacional” que representa uma ruptura com a ideia da linearidade causa/ efeito. “Um processo recursivo é um processo onde os produtos e os efeitos são ao mesmo tempo causas e produtores do que os produz” (MORIN, 2005: 74). Como exemplo, temos a própria sociedade que “produz” indivíduos e por eles é produzida.

O terceiro e último princípio é o “princípio hologramático”. Partindo da ideia do holograma que contém quase que a totalidade do que ele representa, o raciocínio do autor é de que é possível enxergar a totalidade presente nas partes que tomamos por objetos. Não é um reducionismo, mas sim um pensamento que pensa o específico como materialização de uma totalidade e que também a compõe. Um exemplo de que se vale Morin é o da célula, que contém toda a informação genética de um ser.

Como pudemos observar, embora Morin e Santos difiram em alguns aspectos, a preocupação de ambos é semelhante. Para eles, um modo de “fazer ciência” está em crise e assistimos a emergência de um novo paradigma, cujos elementos centrais aparecem igualmente na abordagem dos autores. O surgimento de novas teorias calcadas nos elementos acima descritos ocorre em todas as áreas do conhecimento e acreditamos que nas pesquisas em comunicação não é diferente, conforme veremos a seguir.

O modelo praxiológico de Louis Quéré

O modelo praxiológico para os estudos comunicacionais que Louis Quéré (1991) opõe ao modelo epistemológico (informacional) está alinhado com as proposições de uma ciência que supere as crises vividas pelo modelo atual. Interessante notar que a visada de Quéré é bem semelhante à de Santos, visto que ambos conferem à hermenêutica lugar de destaque nas suas reflexões. O modelo praxiológico defendido por Quéré vai de encontro às teses centrais do modelo epistemológico. Podemos resumilas nos seguintes pontos, seguindo a leitura de França (2003) do texto de Quéré.

1) Comunicação = desafio cognitivo x Comunicação = ação social: para Quéré a comunicação consiste na criação de um mundo comum, onde os atores se relacionam. Mais do que uma transmissão de dados (modelo epistemológico), ela consiste na vivência de uma experiência social, na troca com o outro. Em pesquisas sobre manifestações de comunicação em diversas mídias, trata-se de reconhecê-las como atores sociais em interação com outros atores sociais, como fruidores, fontes em matérias jornalísticas ou consumidores em relações com o universo da publicidade.

2) Sujeito Monológico x Sujeito Dialógico: enquanto no modelo epistemológico o sujeito é aquele que constrói representações, no modelo praxiológico o sujeito é visto como dialógico. Ou seja, o sujeito se constitui na sua relação com o “outro”, reverberando em seus dizeres discursos que revelam uma dimensão histórica e social. As mídias deixam, assim, de serem vistas como superiores às “audiências”, com essas dialogando e negociando sentidos.

3) Sujeito estrategista x estados intencionais emergentes: o sujeito monológico do primeiro modelo é um sujeito estrategista, que age com base em concepções anteriores à situação de comunicação. No segundo modelo, as intenções não desaparecem, mas são tratadas como emergências, procedendo a uma cumplicidade mediada por práticas, operações, conceitos e significações públicas. Veja-se, por exemplo, como emissoras de televisão realizam pesquisas quantitativas com grupos focais para melhor dialogarem com os sujeitos que fruem novelas, além de outros processos e produtos comunicativos ofertados.

4) Linguagem = representação x concepção expressiva da linguagem: no modelo epistemológico a linguagem é concebida enquanto dissociada da realidade. De um lado existe o mundo e do outro as representações que nós fazemos dele por meio da linguagem. Concepção que é recusada pelo modelo praxiológico, que entende a linguagem enquanto elemento que constitui o mundo e que por ele é constituída. Ela consiste na “objetivação de uma subjetividade” (FRANÇA, 2003: 6). No universo da comunicação midiática, a implicação está no reconhecimento da dinamicidade e variedade dos discursos e narrativas cotidianamente tornados públicos, sem os quais não é possível compreender as profundas implicações das práticas languageiras na formatação dos produtos que nos chegam e são por nós resignificados também a partir da linguagem.

O modelo praxiológico dialoga com as concepções da “ciência pós-moderna” de Santos (1989) e com o “paradigma da complexidade” de Morin (2005). A comunicação,

inclusive a midiática, passa a ser pensada como algo que constitui uma dimensão das práticas sociais mediadas pela linguagem. Além disso, o sujeito do paradigma praxiológico de Quéré não é um sujeito dissociado da realidade, mas é pensado dialogicamente. Assim como se propõe na ciência pós-moderna, ele só existe nas relações que estabelece com o “outro”, seja esse outro um “objeto” de ciência, seja o outro entendido como pessoa física.

Deste modo, é um modelo que pensa a experiência comunicacional não apenas isolada em uma situação específica, mas inserida em seu contexto social. O que lembra a tese defendida por Morin (2005) e Santos (1989) de que, na ciência que emerge, o uno deveria ser pensado sempre na sua referência com uma totalidade que é maior do que ele, mas que ao mesmo tempo o integra.

É especialmente na relação com a linguagem, no seu caráter sempre renovado na e pelas práticas sociais e comunicativas, que a proposição de Louis Quéré nos parece rica como orientação metodológica para estudos no campo da comunicação, tanto em suas dimensões relacionais em copresença quanto nas suas manifestações midiáticas.

Desse modo, temos enfrentado o desafio, em pesquisas tão distintas em seus “objetos” quanto às relações entre jornalismo e homofobia e as novas modalidades dos “púlpitos eletrônicos” utilizados pelas igrejas neopentecostais, de verificar, a partir das diversas materialidades instauradas pelas linguagens comunicativas, como têm se configurado as estratégias comunicacionais contemporâneas.

Trata-se, metodologicamente, de entender, num dos casos, como a homofobia como realidade social complexa pelos preconceitos nela envolvidos, convoca o jornalismo em suas coberturas sobre o tema; e no outro caso, como os discursos proferidos pelos “púlpitos eletrônicos” mobilizam uma série de estratégias narrativas que não se encontram exclusivamente no interior das referências de determinada denominação religiosa.

Considerações finais

Diante do panorama acima esboçado, acreditamos estar de fato diante de um novo modo de se “fazer ciência” que, conforme vimos, difere em larga medida de um modelo de ciência que vigorou até meados do século XX. Isto se reflete nos mais variados campos do saber científico e, com base na abordagem de Quéré, podemos perceber que com a comunicação não é diferente.

Não obstante, cabe perguntar se também passamos por uma “crise de degenerescência”, tendo em vista que os primeiros estudos em ciência da comunicação surgem no momento em que os sintomas dessa crise começam a aparecer. Se dissermos que não vivenciamos tal crise, mas apenas alguns de seus reflexos, poderíamos afirmar que a “ciência da comunicação” é uma ciência genuinamente “pós-moderna”? São perguntas que o momento atual não permite responder com uma segurança plena. É preciso esperar e acompanhar com olhar atento os rumos tomados pela “ciência da comunicação” a fim de que possamos fazer uma avaliação mais justa futuramente.

Todavia, o fato é que a “ciência pós-moderna” dá os seus primeiros passos e ainda tem muito a avançar, tanto na sua aceitação dentro do próprio campo científico, quanto no relacionamento com as outras esferas da sociedade, como a política e a religião. Ao propor uma visada científica guiada pelos princípios das ciências humanas, Santos está nos indicando que qualquer possibilidade de superação da crise das ciências deverá se dar por uma postura hermenêutica, na qual o primeiro passo deve ser o questionamento das possibilidades de a própria epistemologia proceder a uma crítica dos métodos das ciências, simultaneamente a uma autocrítica sobre seus próprios limites heurísticos.

Retomando a metáfora de Freud a que fizemos alusão no início do texto, talvez estejamos diante de um “quarto golpe”, tão poderoso quanto os outros. Narcísico sim, em relação à humanidade e à própria ciência que se elegeu como o lugar privilegiado de acesso à verdade. Contudo, mais do que macular a ciência e a confiança da humanidade em “saberes dogmáticos”, o golpe que se traduz na “dupla ruptura” de Santos (1989), (re-)abre as feridas deixadas pelos golpes anteriores e as sutura, conciliando aquilo que parecia inconciliável.

Para os estudos comunicacionais, trata-se, como propõe Louis Quéré, de considerar as especificidades de cada gesto comunicativo como portador de desafios que, parodiando Lyotard, não se resolvem à maneira dos metarrelatos, mas não podem sucumbir às fragmentações fragilizadoras indicadas por Edgard Morin. A isso acresce o fato de termos sempre que pluralizar a perspectiva da comunicação midiática, pela diversidade e complexidade das suas formas de manifestação.

Referências

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. **A Ordem do discurso**. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, Brasil, 1996.

FRANÇA, Vera Veiga. O objeto da comunicação / a comunicação como objeto. In: HOHFELDT, Antonio (org.); MARTINO, Luiz C. (org.); FRANÇA, Vera Veiga (org.) **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001

_____. L. Quére: dos modelos da comunicação. Revista **FRONTEIRAS**. Estudos Midiáticos, v. V, n. 2, 2003.

FREUD, Sigmund. Uma dificuldade no caminho da psicanálise. In: **Uma neurose infantil e outros trabalhos (1917-1918)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

KUHN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

LOPES, Maria Immacolata de. Reflexividade e Relacionismo. In: BRAGA, José L. (org.); LOPES, Maria (org.); MARTINO, Luiz C. (org.). **Pesquisa empírica em comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010 (Coleção Comunicação).

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 14. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

QUERÉ, Louis. D'un modèle épistemologique à un modèle praxéologique. In: **RÉSEAUX**, Paris, n° 46/47, mar./abr. 1991.

SANTOS, Boaventura Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

_____. Um discurso sobre as Ciências na transição para uma ciência pós-moderna. In: **Revista Estudos Avançados Fapesp, USP**. N. 2, v. 2, maio/ago. 1988. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141988000200007> Acesso em: 20 jun. 2012.